



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO PLENA EM LETRAS**

RAYANNE DOS SANTOS NASCIMENTO

**A LUTA DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE:
VERSIFICAÇÕES NA VOZ DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**GUARABIRA – PB
2017**

RAYANNE DOS SANTOS NASCIMENTO

**A LUTA DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE:
VERSIFICAÇÕES NA VOZ DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA – PB
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N234I Nascimento, Rayanne dos Santos

A luta da mulher negra na sociedade [manuscrito] :
versificações na voz de Conceição Evaristo / Rayanne dos Santos
Nascimento. - 2017.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Rosilda Alves Bezerra, Departamento de
Letras".

1. Mulher. 2. Negra. 3. Identidade. 4. Conceição Evaristo. I.
Título.

21. ed. CDD 326

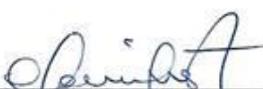
RAYANNE DOS SANTOS NASCIMENTO

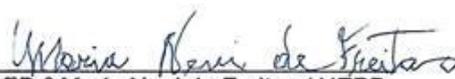
A LUTA DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE:
VERSIFICAÇÕES NA VOZ DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
como requisito parcial para a obtenção do
Grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em: 03/08/2017


ProfªDrª Rosilda Alves Bezerra / UEPB
Orientadora


ProfªDrª Suely da Costa / UEPB
Examinadora


ProfªDrª Maria Neni de Freitas / UEPB
Examinadora

RESUMO

O presente artigo discute sobre os avanços históricos da mulher, negra na atualidade e escrava no Brasil Colônia. Temos como representante da Literatura Afro-Brasileira a escritora Conceição Evaristo e a análise de dois poemas da referida autora, “Vozes-mulheres” e “Da calma e do silêncio”. Durante a leitura dos poemas é possível identificar os mecanismos de resistência apresentados por Evaristo, a qual lutou persistentemente pela conquista de seu espaço na sociedade. O objetivo desse artigo é provocar uma reflexão sobre importância do negro na história do Brasil e assim observar os avanços dessa luta por direitos. Utilizamos a metodologia de investigação baseada em textos discursivos sobre as condições do ser humano diante de uma sociedade escravista. Os teóricos utilizados para fundamentar esse estudo foram: Zilá Bernd, Cláudia Cambraia e Isabel Lousada, Conceição Evaristo, Ana Cláudia Duarte Mendes, Liliane Nogueira, Maria Lúcia de Barros Mott, Maria Penha Silva, Flávio dos Santos Gomes, Sonia Maria Giacomini e Miriam Alves. Os resultados dessa pesquisa mostram que o domínio do eu-lírico começa a ser construído a partir da percepção do poder da sua voz, a ênfase em seus poemas se dá pela narração uma realidade vivida e observada pela autora, a descrição da luta por mudanças futuras, resultando no desejo de ser ouvida. Ao fazer uso de sua voz como escritora, Evaristo descreve sua situação de mulher, negra e pobre, enfatizando a sua história e buscando possibilidades de reconfiguração do papel da mulher na sociedade moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Negra. Identidade. Conceição Evaristo.

¹Graduanda em Letras licenciatura pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.
rayanne.santos20@hotmail.com

Introdução

A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos, afirma Conceição Evaristo, mulher negra, exemplo de garra, força e determinação. Nasceu no ano de 1946, em uma favela da cidade de Belo Horizonte, filha de lavadeira, veio de família pobre composta por trabalhadoras domésticas. Ela cresceu vivenciando uma realidade de miséria e descaso, a qual já foi suportada por muitos.

Mesmo diante da situação em que viveu, Evaristo não desistiu de lutar por seus ideais. Quando criança tinha o hábito de escrever suas experiências, por algumas vezes criava histórias ficcionais, as quais relatavam a esperança de um futuro melhor. Aos poucos foi aprimorando suas habilidades e tornou-se uma escritora de renome na Literatura Afro-brasileira. Em suas obras busca relatar de forma consciente a história da mulher negra. Evaristo objetiva expor a realidade sobre a desigualdade presente na sociedade, revela o anseio pela recuperação da classe que foi e ainda é vítima de preconceito e desvalorização.

A obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), de Evaristo, apresenta relatos feministas e resistentes diante da vivência durante a escravidão. Para representar os títulos que compõem a obra foram selecionados dois poemas que reafirmam o confronto da insatisfação da mulher negra diante do cenário em que vivia, sendo manifestado por meio da sua voz.

Este artigo destaca-se pela leitura e interpretação dos poemas “Vozes-mulheres” e “Da calma e do silêncio”. A abordagem é analítica e bibliográfica e tem como objetivo analisar dois poemas da referida escritora, sob a perspectiva da valorização da mulher negra na sociedade brasileira e de que forma essa mulher assume uma posição de insubmissão e resistência através dos versos.

A importância deste trabalho se dá pelo estudo da história da mulher negra no Brasil, expondo sua luta contra os abusos sofridos. É preciso que a sociedade reflita sobre as questões apresentadas, para assim evidenciar a influência do negro na história do povo brasileiro e os benefícios que esta luta proporcionou. Fez-se necessária a utilização de elementos de análise de cunho mais sociológico, por tratar-se de uma literatura negra ou afro-brasileira, considerando os seus aspectos teóricos em torno das questões sobre a negritude, identidade negra.

Breves considerações sobre a classe negra na sociedade escravocrata

A história dos negros traz grandes marcas que perduram até os dias atuais. O relato deste povo é descrito pela luta, resistência e inconformidade à opressão e perseguição vinda por parte de uma sociedade hostil. O comportamento intolerante provocou graves danos à classe oprimida, de acordo com Bernd (1988, p. 11), as consequências causaram: “Sentimento de inferioridade; sensação de não ser igual ao outro, de não ser. Constata a perda de seus referentes, da memória de sua raça que os brancos trataram de opacificar durante os muitos séculos de colonização”.

Aos olhos dos senhores de engenho e de sua família, os escravos não possuíam valor humano, principalmente a mulher, negra e escrava. Eles eram destratados, viviam em situações precárias e sofriam rígidas punições. A respeito dos castigos aplicados aos escravos, Mott (1991, p. 26) argumenta:

As leis brasileiras davam direito do senhor castigar os seus escravos. O fato de ser mulher não privou as escravas de sofrerem toda sorte de castigos, sempre que suas atitudes fossem julgadas inconvenientes. Recebiam palmatoadas – os famosos bolos, o mais comum dos castigos domésticos -, eram colocadas no tronco, tinham parte do corpo mutiladas, eram marcadas a ferro incandescente e açoitadas, sendo muitas vezes torturadas até a morte.

A relação entre senhor e escravo foi marcada pela violência e exploração. Os castigos aplicados aos escravos traduzem parte da vivência escravista. Sobre essa realidade entre senhoril e servo, Penha Silva (2010, p. 03) afirma em seu estudo titulado de “Mulheres negras: sua participação histórica na sociedade escravista”:

Na realidade o que interessava aos senhores era explorar a força produtiva de seus escravos, sem se importar se era homem ou mulher, o que importava era o produto do trabalho de ambos. Assim uma mulher negra grávida era mantida desenvolvendo trabalho compulsório e com respeito aos filhos, a esses nenhuma importância era dada já que aos olhos do senhor eram antieconômicos, e não são raros os relatos de abandono de crianças por representarem uma despesa a mais para os senhores e também motivo para que a mãe negra passasse a desempenhar com menor intensidade suas tarefas visto que teria de dedicar-se ao filho.

A descrição deste período, que iniciou na metade do século XVI, revela, não apenas as condições de vida dos escravos, mas também a limitação, intolerância e submissão exigida da classe feminina por parte dos homens escravocratas. A busca

dos afrodescendentes e da classe feminina por valorização e conquista de um lugar na sociedade persiste até os dias atuais.

Este cenário tem proporcionado movimentos que buscam mudar a imagem histórica, confrontando a intolerância. Penha Silva (2010, p. 02) analisa o fato de que “é importante observar, que os estudos sobre a escravidão vêm oferecendo espaço para grandes discussões sobre a mulher escrava, vem recuperando de forma gradativa a vida daquela que por muito tempo ficou na invisibilidade”.

Ainda sobre o período da escravidão no Brasil é perceptível a presença da injustiça vivida pelas mulheres. Esta época foi marcada pelo trabalho exagerado, vassalo e labutador voltado aos afazeres domésticos, a ser vítima de assédios sexuais, além de outros deveres que lhes eram impostos. Esse cenário angustiante gerou conflitos não apenas na história do povo negro, mas também na trajetória da luta da classe feminina no Brasil. De acordo com Mott (1991, p. 17), “[...] a luta da mulher contra a escravidão resgata uma forma de participação informal exercida, quase sempre, fora das esferas de poder e dos quadros políticos partidários, mas nem por isso menos importante e eficiente”.

Alguns escravos, inconformados com o cenário que viviam, fugiam de suas senzalas, juntando-se a quilombos. Esses grupos não estabeleciam moradias fixas, ocupavam outras senzalas e roubavam alimentos para sobreviver. Segundo Gomes *apud* Penha Silva (2003, p.05): “As fugas estavam inseridas na experiência cotidiana dos escravos e constituem um aspecto revelador dos mecanismos de resistência, destacando a constituição de comunidades, identidades e culturas”.

O posicionamento da mulher, negra e escrava, antes de tornar-se resignada, era de resistência às ordens impostas pelo senhoril. Mott (1991) exemplifica este fato com relatos de servas insubmissas, que eram açoitadas por serem pegas tentando fugir, ou em muitos casos, condenadas à morte quando eram acusadas de assassinar o algoz. Estes acontecimentos despertam uma reflexão sobre a forma de protesto contra a insatisfação do estado que a mulher se encontrava, e em confronto a estes atos de protesto viam as consequências repressivas, que serviam como exemplo de penalidade.

Após a abolição da escravatura, em 1888, a chance da tão esperada liberdade do escravo torna-se um direito. A alforria era concedida de acordo com o desejo dos escravocratas, podendo ser recebida de forma gratuita ou negociada. Sendo assim, o escravo mostrava-se dedicado ao trabalho que exercia, tinha bom

comportamento e por muito tempo trabalhavam em dobro, com o objetivo de realizar todos os serviços impostos.

O preconceito e a repressão aplicados às mulheres naquela época partiam da classe machista, que utilizavam fundamentos bíblicos isolados, com o intuito de justificar seu sentimento de poderio. Diante dessa realidade, classe feminina deveria enxergar com soberania o sexo masculino, e agir com submissão e fidelidade. (GIACOMINI *apud* PENHA SILVA, 2010, p. 09):

Inseridos nesse contexto estão às mulheres negras escravas, que sem dúvida estavam colocadas em um nível social inferior, tanto por ser mulher, como por ser negra e, também escrava. Ser mulher, e ser escrava dentro de uma sociedade extremamente preconceituosa, opressora e sexista, é reunir todos os elementos favoráveis a exploração, tanto econômica quanto sexual, e também ser o alvo de humilhações da sociedade nos seus diferentes seguimentos.

Mesmo sendo um relato antigo, ainda vivemos em uma sociedade que limita e oprime a classe feminista com discursos prepotentes e dominadores. Com o desejo de querer planejar um futuro melhor, mesmo diante de uma história marcada pela dor e pelo sofrimento, a mulher negra vai à procura de meios que sejam capazes de ajudá-la a conquistar seu espaço na sociedade, mostrando-se capacitadas e resistentes às manifestações de repressão. Ela decide sair do lar e vai à procura de novos conhecimentos, muitas vezes, entrando em confronto com seus maridos, os quais queriam que a mulher se limitasse ao trabalho sem expressar suas opiniões.

Diante dos relatos apresentados, é possível observar que a classe feminina negra sofreu represálias, mas ainda assim não recuou. A mulher negra perseverou na luta pela ocupação do seu espaço dentro da sociedade, e ainda persiste em busca da conquista de oportunidades no meio acadêmico e no mercado de trabalho, e é perceptível que isso tem causado grandes impactos. Estão mostrando suas características e habilidades, expondo seus valores e conhecimentos, procurando assim obter o respeito tão sonhado.

Conceição Evaristo: a voz atroadada da mulher negra

Ao longo do tempo a mulher conseguiu ultrapassar obstáculos e ocupou espaços e papéis sociais antes inimagináveis. Inconformada com a designação de fragilidade imposta pela sociedade lutou incessantemente para conquistar seus direitos, que por muito tempo foram refreados pela classe machista, a qual insistia em inferiorizar a condição feminina atribuindo-lhe características enfatizavam pensamentos preconceituosos, menosprezando a presença feminina. Atitudes hostis como estas resultaram na intolerância contra a mulher, a qual ainda persiste nos dias atuais.

Diante dos fatos apresentados ainda é importante se fazer uma alusão à pluralidade étnica que compõe a nossa sociedade, e assim atentar-se para o fato de que se existia intolerância para com a mulher branca, é possível idealizar a situação da mulher negra, visto que seu valor era consideravelmente menor, pois ela traz consigo uma história vassala.

Mott (1991, p. 18) faz menção à situação da mulher branca, a qual foi descrita pelos estrangeiros:

A situação da mulher branca [...] não era nada invejável, apesar da sua participação política desde o início da colonização portuguesa. [...] utilizam muitas vezes a palavra escravidão para designar a falta de liberdade e a dominação sofridas. Até mesmo a mulher branca rica tinha limitadas oportunidades educacionais, vivia sob a autoridade do pai, do marido ou dos irmãos, sofrendo arbitrariedades e violências cotidianas. O dote era um contrato de compra e venda, em que a mulher, sem chance de escolher, era entregue ao marido.

Dentre as diferenças que se estabelece entre homens e mulheres a mais predominante é a da mão de obra. Na visão de (MATTOSO apud MOTT, 1991), havia uma preferência por homens, pois se acreditava que a mulher era menos produtiva, mais frágil e envelheciam mais rápido, e quando a escrava passava dos 35 anos, já não tinha valor. Algumas propriedades rurais possuíam um número determinado de mulheres, a quantidade se adequava às necessidades domésticas. Quanto aos relacionamentos entre os escravos, em alguns casos, era de até homens para apenas uma única mulher, para que se houvesse caso de gravidez, a produção e o trabalho não fosse comprometido.

Diante das circunstâncias já mencionadas anteriormente, Evaristo decidiu esbravejar em poemas a história da negra, tornando-se assim uma escritora de renome. O que a tornou um exemplo foi o fato de não se acomodar com as

condições e situações que viveu, e assim buscou destituir as imposições e conseguiu alcançar o sonho de ser uma intelectual influente na sociedade, além de publicar várias produções poéticas que rompiam a desigualdade humana e social. Para Mott (1991, p. 18):

Embora homens e mulheres escravos fossem reduzidos à condição de coisa, privados de todos os direitos civis, sujeitos ao poder, ao domínio e à propriedade de outrem, o fato de pertencerem ao sexo masculino ou feminino acarretou algumas particularidades a sua situação, refletida nas formas e nas condições de trabalho, nas relações familiares, na socialização, na mobilidade social, na legislação e mesmo nas formas de rebeldia e luta contra a escravidão.

No entanto, considerando a vida acadêmica e poética de Conceição Evaristo, observamos que ela passou descrever a mulher negra de forma positiva, apresentando características até então transformadoras, pois não enfatizava a classe feminina como um objeto sexual ou como referencial de trabalhos domésticos, como era de costume. De acordo com o pensamento de Cambraia e Lousada (2013, p. 01):

Quando as mulheres negras são representadas pelos escritores brasileiros os temas explorados são a sedução e a beleza, além da resistência física ao trabalho e a habilidade culinária. As qualificações apresentadas em sua maioria estão ligadas ao corpo da mulher, o que ela pensa ou sente é pouco relatado na literatura brasileira por autores tradicionais.

A autora preocupou-se em falar da desvalorização da mulher, das ameaças e das opressões vivenciadas, por isso em algumas de suas poesias ela deu voz aos que foram forçados a se calar por muito tempo. Havia nela a preocupação de romper com um estereótipo, já construído a respeito do negro, evidenciado de forma negativa. Segundo Bernd (1988, p. 11): “A construção do estereótipo pode se dar por ignorância ou quando há um objetivo de dar como verdadeiro algo que é falso, com a finalidade de tirar proveito da situação”. Bernd (1988, p. 53-54) ainda afirma:

A literatura negra pode ser acusada de univocidade e dogmatismo [...] mas é a *única* maneira possível de abordar a realidade em um momento dado. Neste sentido, a literatura negra pode soar como um discurso defasado e anacrônico [...] Mais do que proporcionar prazer estético, o escritor negro pretende oferecer aos membros de seu

grupo a consistência mítica de que eles necessitam para fundar sua identidade.

Suas produções manifestam a voz das mulheres, principalmente a da mulher negra, que por muito tempo não pôde ser ouvida, devido às ideologias racistas que impediam de expressar o que sentiam, pensavam e queriam. Sendo assim, Conceição fez-se ser ouvida através de sua poesia, confrontando a opressão e o individualismo e evidenciando sua negritude.

Insubmissão e resistência: vozes negras em poemas de Conceição Evaristo

A realidade da mulher negra no Brasil é representada pela existência desumana do período da escravidão que perdurou por aproximadamente quatro séculos. Como já foi mencionado anteriormente, este fato não proporcionou as mulheres um modo de vida condizente com a igualdade social. A autora Conceição Evaristo relata em alguns de seus poemas esta verídica e triste realidade, como exemplo tem-se o poema Vozes-mulheres publicado em Cadernos Negros no ano de 1990.

Vozes-mulheres

*A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.*

Ao observarmos o título dessa obra percebemos que a autora escreve os termos “vozes” e “mulheres” no plural, pois faz referência as vozes de muitas mulheres que forçadamente foram caladas. Não havia respeito aos direitos humanos e muitos menos o reconhecimento dos direitos das mulheres, ou seja, elas eram sujeitas a aceitar as imposições da sociedade, e por isso viviam em condições subalternas. Evaristo fez questão de destacar este tema para mostrar que a mulher também é um ser humano, que merece ser respeitada e inserida nos espaços sociais em que a voz e a prepotência masculina ecoam predominantemente.

No poema de Evaristo (1990) fica claro uma visão feminista que ressalta cada voz entoada no poema. É evidente a presença de uma narrativa histórica a respeito da vida das mulheres negras no Brasil. O eu-lírico busca resgatar suas raízes e culturas para compor o presente poema, pois sua identidade está centrada no núcleo familiar. Na primeira estrofe notamos a voz da bisavó do eu-lírico através da seguinte ressalta:

*A voz da minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio
Ecoou lamentos
de uma infância perdida*

A voz ecoa descrevendo um sujeito impotente, uma criança, menina, negra, escrava, que está subestimada a alguém, que se encontra desprovida de qualquer benefício. O lamento refletia a condição de vida, lamento este que ecoou a dor durante toda infância e que continuou a ressoar diante de um presente repleto de perdas passadas.

A voz evidencia o senso de ligação entre aquelas mulheres, não apenas pelo sofrimento, mas pela cultura. É importante destacar que, de acordo com Mendes (2009, p. 117) ao analisar estes versos “estamos no terreno da memória coletiva, uma vez que a poeta não viveu o que narra, mas o ecoar do passado ainda está presente no seu fazer atual, dá sentido à vida”. Na segunda estrofe o eu-lírico dá voz a sua avó:

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo

Ouve-se um eco de sujeição, tom de subalternidade aos brancos, caracterizando disparidade entre os povos. Podemos associar como desfecho deste parágrafo a autora Bernd (1988, p. 33), quando destaca o pensamento de Aimé Césaire ao apresentar a negritude como um ato de subversão no que diz respeito ao nível de linguagem dos negros, definindo assim a submissão do negro ao branco, sintetizando assim uma rejeição em fala, língua, cor e diferenças sociais. A terceira estrofe se aproxima de uma resistência mais próxima, o eco de revolta aparece ainda mais forte:

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

Agora, a insatisfação é reproduzida pela genitora, mesmo que de forma retraída. A voz ecoa um sussurro, antes não ouvido, mas que com o passar das gerações se intensifica e traz consigo o anseio por mudança. Os versos descrevem o trajeto do trabalho e a árdua realidade da condição de moradia, aspectos que caracterizam a vivência da mulher escrava.

Nos versos que formam a quarta estrofe o eu-lírico revela sua própria experiência de vida. A voz ecoada é o centro de todas as vozes e condiz com as antecedentes, e por estar em concordância com as primeiras estrofes do poema percebe-se que se descreve uma situação ainda existente e invariável.

minha voz ainda ecoa
eco a versos perplexos
com rimas de sangue
e fome

Na duas últimas estrofes há a retomada de todas as vozes anteriores, as vozes que representam àquelas que foram coagidas ao silêncio e a submissão. A voz da filha não é apenas a autoconsciência ou a elaboração de um discurso qualquer, mas é a representação de um indivíduo mulher, é o simbolismo coletivo de mulheres antecedentes, por meio da ação que a leva à liberdade. A junção das vozes passadas e futuras tem por objetivo o ressonar da liberdade:

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade

A conclusão do poema se dá no almejo por um futuro reconhecido e valorizado, expõe a esperança por dias melhora. As estrofes são formadas pela voz que representará sua parentela nas futuras gerações, todas as vozes que se calaram diante do retrocesso presente na vida da mulher negra. Bernd (1988, p. 40) apresenta pontos positivos quanto à Negritude, sentimento de orgulho pela etnia negra:

1) o reconhecimento e aceitação do fato de ser negro e a consequente revalorização da herança cultural ancestral; 2) desconstrução de uma ideologia que, “com seus silêncios e suas lacunas”, consagrava a supremacia da “raça” branca; 3) devoração da imagem negativa com as comunidades eram representadas no “mundo branco”; 4) início do processo de construção de uma auto-imagem positiva; 5) tomada de consciência da necessidade de passar da condição de observado (objeto da História) para a de observador (sujeito da própria História).

Há, então, uma voz que ecoa com dignidade e prazer de representar um povo que mesmo depois de sofrer por longos anos, não recuou, mas decidiu perseverar na luta pela conquista de seu espaço. Mesmo diante de um cenário diferente daquele vivido no período da escravidão, a mulher não para de lutar em busca de direitos igualitários em combate a uma sociedade ainda preconceituosa e machista.

“Da calma e do silêncio”: no combate do preconceito e do racismo

A mulher negra lutou durante muito tempo pela conquista do seu espaço na sociedade, esta busca por um novo cenário fortaleceu os princípios fundamentais desta luta. Insatisfeita com uma realidade humilhante e limitada, a classe feminista manifestou-se a favor da igualdade de direitos e deveres e passou a combater o preconceito e o racismo. Em concordância com este pensamento, Penha Silva (2010, p.2) afirma: “[...] os estudos sobre a escravidão vêm oferecendo espaço para grandes discussões sobre a mulher escrava e vêm recuperando de forma gradativa a vida daquela que por muito tempo ficou na invisibilidade”.

A autora Conceição Evaristo, ao escrever o poema “Da calma e do silêncio” apresenta uma nova imagem sobre a mulher negra, contrapondo a ideia do poema anteriormente analisado. Os fatos históricos que antes induziam a mulher ao silêncio, aos maus-tratos e a submissão foram confrontados pelas feministas, classe que combate a opressão e qualquer forma de preconceito contra mulher, na busca de mudar uma realidade imposta por longos anos. De acordo com Bernd (1984, p. 08): “Os negros estão abrindo uma brecha – em meio ao vozerio das falas predominantes – para fazer ouvir sua voz. A voz da Negritude que procura (re)conquistar um espaço”. O poema de Evaristo apresenta uma ideia revolucionária sobre o poder feminino, descrevendo um indivíduo independente.

Da calma e do silêncio

*Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,*

*a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.*

*Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.*

*Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.*

O título do poema apresenta dois substantivos que alicerçam as estrofes: calma e silêncio. Estes vocábulos propiciam sentimentos, antes encobertos, mas agora veementes, que expressam liberdade, autoridade e placidez. O eu-lírico apresenta-se tomado por poder, desejo e interesse, almeja seguir o livre-arbítrio. A primeira estrofe do poema revela o desejo de possuir a sonhada liberdade de expressão, sem restrições e exigências:

*Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar
entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo
para assim versejar
o âmago das coisas.*

O querer descrito nestes versos é inicialmente um confronto a realidade vivida no período da escravidão. É o grito de liberdade expresso de forma nítida e enfática. É notório que há o tom de agressividade por parte do eu-lírico, uma vontade de romper as imposições, pôr um fim aos limites que a caracterizava como mulher subordinada e apresentar um indivíduo dominador, que tem o controle de suas emoções e vontades.

Nestes versos a autora almeja expressar o seu pensamento, porém, de forma peculiar, sem pressa, sem restrições. Há a necessidade de poetar minuciosidades, exalar a essência da alma, exprimir o mais íntimo pensamento com plenitude. Monteiro (2010) evidencia a importância de a linguagem literária apresentar uma autoafirmação capaz de traduzir seu real significado.

Em concordância, Alves *apud* Monteiro (2010, p.185) afirma: “É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe”. Posteriormente, na segunda estrofe do poema:

Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.

É notório o surgimento da necessidade de enxergar e sondar o que é aparentemente imperceptível, há o desejo de se guardar na memória os mínimos detalhes do que é visto. Mais uma vez é explícito nos versos do poema um querer calmo e imperturbável. O eu-lírico tem um anelo íntimo de idealizar e realizar o mais profundo pensamento. Por fim, a terceira estrofe:

Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,/ não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante

anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra

Em alguns versos o eu-lírico deixa claro que não tem pressa, pede para não ser incomodado, forçado a seguir, reconhece que seus passos podem tornar-se brandos, que em algum momento necessitará aquietar-se. O autor se compara a um peregrino, mas que não se prende a caminhos habituais, pois acredita que existem caminhos que estão escondidos e apenas a poesia é capaz de conhecê-los e alcançá-los. De acordo com o pensamento de Santos (2005, p.65): “[...] todo homem é proprietário de si mesmo; a liberdade é um bem inalienável; não pode haver nação onde não há igualdade de direitos, preocupação com o bem-estar de seu povo e aprimoramento dos meios de produção e dos produtores”.

Uma história que antes era demarcada pelo silêncio, submissão e martírio passa a ser descrita pela força e independência. Evaristo (2005a, p. 202) apresenta uma nova forma de versificar o negro e sua vivência:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo.

Diante de uma realidade marcada pela opressão, Evaristo viu a escrita como um escape para expressar sua dor e decepção. Ela percebeu que a sua versificação seria uma arma contra um sistema despótico. Seus versos descreviam um sentimento de liberdade, ainda limitado, mas capaz de gerar efeitos esperançosos.

Considerações finais

Os aspectos apresentados neste artigo são objetivos e precisos para concluir sobre a influência do negro na história do Brasil. A contribuição da autora Conceição Evaristo no processo das mudanças históricas e intelectuais resultou em conquistas importantes. É importante enfatizar o seu exemplo de perseverança na luta contra o racismo e outras manifestações de preconceito contra sua posição e vida.

Após a análise dos fatos apresentados compreendemos que o empenho da mulher em busca de espaço e reconhecimento tem perdurado por muito tempo. Mesmo diante de uma realidade que desfavorecia o valor feminino, o sentimento de contrariedade ecoava mais forte gerando o anseio por igualdade. O espaço conquistado pelas mulheres negras vem superando as expectativas um dia depositadas por aqueles que nunca desistiram de lutar.

Destaca-se ainda a importância das análises apresentadas, pois através delas é possível reconhecer a evolução do posicionamento da mulher negra no decorrer da história. A mudança das condições de vida e do cenário apresentados nos versos dos poemas de Evaristo descrevem com clareza as características do período da escravidão e da posição que a mulher assumiu ao conquistar sua autonomia e liberdade de expressão, impondo-se a uma sociedade ainda preconceituosa.

A simbologia do poema “Vozes-mulheres” marca a realidade de um povo sofredor, forçado a manter-se omissos diante de uma sociedade escravocrata e hostil através da representação de vozes antecedentes e do próprio eu-lírico. É importante destacar que os versos finais expressam liberdade, um sentimento antes retraído, mas agora forte e estrondoso.

O poema “Da calma e do Silêncio” representa uma nova fase na vida da mulher. Há em seus versos uma liberdade e autoridade sob suas escolhas, diferente do poema anterior, neste vemos a predominância e o controle do eu-lírico sobre si mesmo. É interessante destacar que Evaristo quis apresentar uma liberdade, não apenas idealizada, mas vivida.

A forma que Conceição Evaristo versifica a mulher negra nos dois poemas enfatiza a sua grande influência e força diante de uma sociedade intolerante e preconceituosa. A vez e a voz feminina ganha força em seus versos e revela uma imagem preponderante e influente na sociedade.

Referências

_____. **Vozes-Mulheres de escritoras e intelectuais negras.** Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2012/11/vozes-mulheres-de-escritoras-e-intelectuais-negras/>> Acesso em: 30 mar. 2017

ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no Brasil — pensando a existência** in: MONTEIRO, Liliane Nogueira. **A representação da mulher negra na literatura Brasileira**, 2007.

ARAÚJO, Bárbara. **Conceição Evaristo: literatura e consciência negra**. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/> Acesso em: 30 mar. 2017

BERND, Zilá. **A questão da NEGRITUDE**. v.4, São Paulo, Editora brasiliense, 1984.

BERND, Zilá. **O que é Negritude**. 1. ed. São Paulo, Editora brasiliense, 1988.

CAMBRAIA, Cláudia; LOUSADA, Isabel. **A voz silenciada da literatura brasileira**. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384270958_ARQUIVO_ClaudiaCambraia.pdf> Acesso em: 30 mar. 2017

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005a.

EVARISTO, Conceição. **In Cadernos Negros “Vozes-Mulheres” e “Da calma e do Silêncio”** vol. 13, São Paulo, 1990.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava: Uma Introdução ao Estudo da Mulher Negra no Brasil**. in: PENHA SILVA, Maria. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

GOMES, Flávio dos Santos. **Experiências atlânticas: ensaios e pesquisas sobre a escravidão e pós-emancipação no Brasil** in: PENHA SILVA, Maria. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

MENDES, Ana Claudia Duarte. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. Volume 17-A (dez. 2009) – ISSN 1678-2054

MONTEIRO, Liliane Nogueira. **A representação da mulher negra na literatura Brasileira**, 2007.

MOTT, Maria Lucia de Barros. **A mulher na luta contra a escravidão** / Maria Lucia de Barros Mott – 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 1991.

PENHA SILVA, Maria. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”: um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros: Gislene Aparecida dos Santos**. – São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.